

## A LITERATURA INFANTIL NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA: INTERFACES COM O CONTEXTO ESCOLAR

Maria Paula Cavalcanti Carvalho<sup>1</sup>  
Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo se propõe analisar o livro *Meu Crespo é de rainha*, de bell hooks, e sua reverberação na constituição da identidade da criança negra. Esse objetivo geral se desdobra em três objetivos específicos: compreender as nuances da subjetividade da criança negra a partir dos elementos e formas presentes na literatura infantil; destacar o cabelo crespo como elemento de empoderamento na construção da identidade da criança negra representado no livro *Meu Crespo é de rainha*; problematizar a inserção da literatura infantil no espaço escolar e sua contribuição na constituição identitária da criança negra. A pesquisa se configura como bibliográfica porque é um tipo de pesquisa que engloba vigilância epistemológica, observação e acuidade na escolha e na condução dos procedimentos metodológicos. Elegeram-se duas categorias de análise: “meu crespo é de rainha” (1) e “a educação como prática de liberdade” (2) para fazer a reflexão acerca da relação literatura infantil e criança negra, e sobre a potencialidade dessa relação nos espaços escolares para a desintegração da colonialidade dos corpos. Dessa reflexão depreende-se que as infâncias das crianças negras precisam ser banhadas por livros de literatura infantil como *O meu crespo é de rainha* na escola. Essas leituras contribuirão no desenvolvimento do imaginário da criança, ela poderá se ver representada e afirmar sua identidade de criança negra, ser mobilizada a sonhar em ser o que quiser à medida que se reconhece nos personagens negros que, por sua vez, ativam sonhos e belezas.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Criança negra. Cabelo. Identidade. Espaço escolar.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surge pela necessidade de refletir acerca da contribuição da literatura infantil para a constituição do imaginário da criança negra. Com a leitura prazerosa e aprofundada de *Meu Crespo é de rainha*, livro de bell hooks, e o diálogo com pesquisadores da área, buscamos destacar a reverberação da narrativa na constituição da

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco-UPE e participante do Grupo Internacional de Pesquisa em Políticas, Práticas e Gestão da Educação (UPE\_GIPPPGE), mariiapaula18carvalho@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e pesquisadora dos grupos: Grupo Internacional de Pesquisa em Políticas, Práticas e Gestão da Educação (UPE – GIPPPGE) e do Grupo de Pesquisa em Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (LITERALISE -UFSC), rosilenefks@yahoo.com.br.

identidade da criança negra a partir de elementos presentes nesse livro e, especialmente, no modo como estes são apresentados. Procuramos entender a necessidade da criança negra ser ouvida, ser representada e conseguir se ver e se reconhecer nas histórias contadas e nas ilustrações dos livros de literatura infantil. Buscamos ainda problematizar a inserção desse artefato cultural na escola e sua contribuição na constituição identitária da criança negra. Assim, esta pesquisa levanta a seguinte questão: Como o livro *Meu Crespo é de rainha* contribui para a constituição da identidade da criança negra?

Outras indagações surgem no decorrer do estudo que foi pautado no propósito de analisar o livro *Meu Crespo é de rainha*, de bell hooks, e sua reverberação na constituição da identidade da criança negra. Esse objetivo geral foi desdobrado em três objetivos específicos: compreender as nuances da subjetividade da criança negra a partir dos elementos e formas presentes na literatura infantil; destacar o cabelo crespo como elemento de empoderamento na construção da identidade da criança negra representado na literatura infantil; problematizar a inserção da literatura infantil no espaço escolar e sua contribuição na constituição identitária da criança negra.

A pesquisa se configura como bibliográfica e parte do livro *Meu Crespo é de rainha*, de bell hooks, de reflexões teóricas com essa autora e com outros interlocutores que vem lançando um olhar atento e criterioso à contribuição que a literatura infantil oferece ao processo de humanização, mas, principalmente, o olhar, atento, criterioso e crítico para trazer à tona o racismo presente nas entrelinhas dos livros destinados às nossas crianças. Muitos desses livros com nuances de enaltecimento usam termos como “marrom”, “pretinha”, entre outros de forma romantizada e propagam a falsa ideia de que no Brasil não há discriminação racial.

Para realizar essa reflexão foram estabelecidas as categorias de análise: Meu crespo é de rainha (1) e A educação como prática de liberdade (2), estabelecendo um diálogo entre o livro da bell hooks e o espaço escolar enquanto potencializador de uma educação que construa espaços de luta sobre a afirmação da identidade da criança negra.

## **2 AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS E A LITERATURA INFANTIL**

A literatura é responsável por humanizar vidas e corpos que durante muito tempo foram desumanizados e passíveis de violação, contribuindo para que crianças e jovens entendam sobre relações étnico-raciais. Essa afirmação de Jucimara Gomes da Silva (2015) destaca a importância de observar como o livro age no imaginário de crianças e

jovens, e pode contemplar nuances de relações desiguais entre negros/as e brancos/as, meninos e meninas. O livro também é capaz de acentuar a participação de personagens negras protagonistas, quebrando depreciações que foram construídas historicamente.

Eliane Debus (2010), pesquisadora da temática africana e afro-brasileira na literatura infantil e juvenil, afirma que o livro de literatura produz uma realidade que atua no imaginário coletivo, podendo causar o pertencimento das pessoas negras e o estranhamento das pessoas brancas. O livro enquanto objeto cultural carrega visões de mundo. A produção literária de recepção infantil, muitas vezes, fomenta uma visão deturpada das relações étnico-raciais, visto que, o texto nunca é neutro, e no qual as contradições e ambiguidades desnudam contra argumentações, problematizando a construção de uma sociedade plural.

De acordo com a autora é importante entender que a leitura de um livro de literatura infantil, convoca o leitor para fazer interconexões com o que está escrito e ilustrado, pois toda a linguagem desse livro está estruturada a falar algo relevante ao leitor, por isso há necessidade de estar com a atenção voltada aos detalhes mais sutis que o mesmo demonstra. Para Debus (2010) o livro literário de recepção infantil demanda a leitura de dois códigos que se comunicam: palavra e imagem. A ilustração pode provocar estereótipos, ou demonstrar uma complexidade que requisita do leitor um olhar crítico para conhecimentos mais amplos.

Segundo a autora, quando se pensa nos processos étnico-raciais presentes no livro infantil, primeiro deve-se ressaltar que a literatura negra chegou às escolas em passos muito lentos. O Plano Nacional de Educação (PNE), no Brasil, passou a exigir o ensino de história e cultura afro-brasileira em 2003, isso ocorreu com a aprovação da Lei de 10.639, válido para os currículos escolares de ensino fundamental e médio. Assim, podemos perceber que a partir desse momento, mais livros de literatura infantil entraram em cena e passaram a contemplar o protagonismo negro, seja na ilustração ou em narrativa.

Segundo Silva (2015) vários pesquisadores intensificaram as discussões acerca da relação literatura infantil e escola, buscando problematizar como o livro age no imaginário de crianças e jovens e pode contemplar nuances de relações desiguais entre negros/as e brancos/as, meninos e meninas. O livro também é capaz de acentuar a participação de personagens negras protagonistas, quebrando depreciações que foram construídas historicamente.

A inserção do livro na escola é fundamental e, nesse sentido, percebemos avanços. Mas, mesmo com os avanços, é crucial falar em uma educação libertadora que integre a pluralidade dos sujeitos. Sobre essa questão bell hooks (2013), afirma que, muitas vezes, os professores não têm uma práxis política capaz de emancipar seus alunos, muitos se amedrontam com as implicações políticas de uma educação multicultural, pensando que podem perder o controle da turma por abordar um tema que faça com que o não negro compreenda que existem seres para além dele, que existem modos e referências múltiplas.

A pesquisadora Maria Anória de Jesus Oliveira (2018) afirma que o racismo se apresenta nas entrelinhas dos livros de arte-literária sob muitas nuances, inclusive o enaltecimento de termos “marrom” e “pretinha” de forma romantizada contribuem para reafirmar o racismo à brasileira, dando a falsa ideia de que no Brasil há uma cultura miscigenada e, sustentando assim, a utopia de que nesse país não há discriminação racial.

No que concerne à idealização da relação inter-racial e à mestiçagem, observa-se, através do “menino marrom” e do “cor-de-rosa”, que o “mundo não é dividido entre preto e branco”, pois o “que existe” é “gente marrom”, “marrom-escuro”, etc. Tratando-se da estória da “menina”, também se sugere a mestiçagem através da ninhada de coelhos de todas as cores e, “até”, uma “coelha pretinha”, que é a última a ser aludida pelo narrador. Ou seja, o que se ressalta é a diversidade racial sugerida pelas nuances de cores para dar margem ao ideário da mistura racial no país. Nessa linha de raciocínio, não haveria impertinência em afirmar que, a partir dessas obras, se buscou afirmar não só o ideal de mestiçagem, como também a idealização da relação inter-racial, corroborando para disseminar o propalado mito da democracia racial. (OLIVEIRA, 2018, p. 12)

Tatiana Valentin Mina Bernardes (2018), em sua pesquisa de mestrado, nos mostra que no Brasil há muitos tensionamentos que suscitam reflexões acerca de corpos escravizados e os discursos hierarquizados que legitimaram ações racistas mesmo com a reconfiguração de novas leis que estabeleceram a cidadania para esses corpos.

Para Bernardes (2018) ao pensar na arte-literária, deve-se também problematizar o atual contexto econômico, político e social do Brasil que contém um governo ilegítimo marcado por políticas que culminam para a desvalorização da diversidade e o desaparecimento de políticas públicas como o Plano Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. É necessário reforçar a mobilização da Educação das Relações Étnico-Raciais e das políticas de ações afirmativas, similares à Lei 10.639/2003, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para a obrigatoriedade do ensino da história, cultura africana, afro-brasileiras no currículo escolar; das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER/2004),

e da Lei 12.793/2013 que “instituiu a diversidade étnico-racial como princípio da Educação Nacional” (BERNARDES, 2018, p. 155).

Ainda de acordo com Bernardes (2018) pode-se inferir que a invasão da colonialidade habita em diferentes lugares nas narrativas literárias como no campo das imagens, visto que essas obras tematizam vidas, como por exemplo, aludem a forma de ser para além do branco, podendo assim produzir fraturas na colonialidade se deseja uma implicação com a pluralidade racial, tematizando a cultura africana e afro-brasileira, mas também pode, ao contrário, construir mais racismo ainda através da linguagem como um todo da desvalorização da pessoa negra. Logo,

Percebemos que grande parte das ilustrações apresenta as personagens negras sem as características físicas do povo negro. As personagens são simplesmente pintadas com a cor marrom, muitas vezes sem variação dos subtons da pele negra. Também identificamos a tentativa de compor tipos de cabelos crespos, mas que diferem das características reais do cabelo negro. Esta forma de representação pode contribuir para a perpetuação do racismo, proporcionando ainda mais o apagamento e a neutralização das diferenças. (BERNARDES, 2018, p. 152)

A partir do olhar dos pesquisadores fica muito claro que o livro de literatura infantil precisa contemplar a pluralidade étnico-racial das crianças negras, não somente os tons e subtons da pele, mas é preciso integrar nas ilustrações do livro as verdadeiras características das crianças negras no que envolve os cabelos e demais traços.

### **3 LITERATURA INFANTIL E A PESSOA NEGRA**

A literatura infantil nasce com intenções pedagógicas, os primeiros livros foram escritos por professores, por exemplo. A produção literária para crianças acompanhou as discussões acerca do conceito de “infância” e se empenhou em produzir uma linguagem que corresponde a concepção de infância vigente na sociedade, e assim, à medida que o significado de ser criança passou por suas redefinições, o mercado editorial concomitante se apressou por evidenciar a cultura infantil da época. “O que ocorre é que o atrelamento histórico a um público leitor específico – a criança – fez com que essa literatura fosse se transformando, ao longo do tempo, na mesma proporção em que se altera a imagem social de infância” (DEBUS, 2017, p. 36).

De acordo com a autora, ao falar de livros de literatura infantil cabe ressaltar que, ao elencar uma linguagem criativa, foi permitido que o leitor fosse banhado de uma fruição estética e de experimentação ao estar diante dessas obras literárias. Para Debus (2017) o livro literário para a infância contém aspectos peculiares que envolve a

materialidade do livro e formato; paratextos que incluem a capa, as guardas e a contracapa; tipo e tamanho da letra; tipo, qualidade e textura do papel; relação entre a mancha textual e a ilustração, e demais características. Além disso, é preciso entender que o livro de literatura infantil carrega histórias, valores, ideologias que atuam no imaginário infantil, contribuindo para a formação de sua subjetividade, logo constrói e desconstrói conceitos para o público de recepção infantil. Assim:

Como já destacado, a relação entre o produtor do texto de recepção infantil (o adulto) e o leitor (adulto/criança) promoveu, em seu nascedouro, uma construção textual e um protocolo de leitura no qual a criança, compreendida como receptor passivo, por meio de personagens modelares, absorve exemplos de bom comportamento e valores a serem seguidos. Por outro lado, aquele que alicerça os modelos – os protagonistas das narrativas – apresenta características vinculadas aos grupos mantenedores do poder, por certo não contemplando a diversidade étnica, silenciando a representação de personagens negras, indígenas, asiáticas, entre outras. (DEBUS, 2017, p. 38)

A pessoa negra nessas obras literárias começa a aparecer paulatinamente, mas de forma sutil ou até mesmo muito expressiva acaba confluindo para novos estigmas e estereótipos do que é ser negro na sociedade. A maior parte dos estudos com personagens negras como protagonistas foram realizados a partir de 1990. Antes da década de 1970 e 1980, personagens negras são quase inexistentes e, quando o negro aparece, é apresentado como dócil, servil, submisso, exercendo papéis de subalternidade, muitos livros demonstram um discurso contraditório e preconceituoso, (DEBUS, 2017).

Debus (2017) aponta que no Brasil houve muitos tensionamentos políticos para que as pessoas negras e suas culturas fossem incluídas e escutadas na literatura infanto-juvenil, no entanto mesmo com a conquista de tais leis esse país ainda está muito distante do que vem a ser uma cultura que integre a pluralidade racial. A autora afirma ainda que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), articulada com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) colocou em destaque os Temas Transversais. O mercado editorial, por sua vez, em conversação com os catálogos das editoras correu para apresentar seus títulos e coleções, englobando tais temas, e de mãos dadas com as informações básicas sobre o livro, apresentou o tema transversal com o qual ambos se comunicam.

Segundo a autora, com esse movimento, os personagens negros nas histórias literárias aumentam sua participação e representatividade, inclusive como personagens principais, porém ainda continuam como “vozes das margens” pelos cenários preconceituosos que os mesmos são descritos nessas obras pelos grupos dominantes.

Debus (2017) afirma que os parâmetros da Lei 10.639/2003 fortaleceram o florescimento de um nicho mercadológico de livros que integram a problematização de questões étnico-raciais, através da representatividade de personagens negras como protagonistas e narrativas que evidenciam o continente africano em suas pluralidades. Esses livros vão desconstruindo ideias que trazem as personagens negras em papéis de submissão e/ou expressando o período escravista, ou até mesmo a descrição do continente africano pela óptica do exótico.

Existe uma falsa ideia de que trabalhar as temáticas sobre a população negra nos espaços escolares poderia fortalecer exclusivamente os negros, mas, isso não é verdade, pois é preciso trabalhar a sociedade multicultural e construir uma nação democrática para todos. “As políticas de reparações a partir das ações afirmativas são necessárias em nossa sociedade, porém a inclusão da temática africana e afro-brasileira no currículo escolar não visa contemplar somente a população negra” (DEBUS, 2017, p.51). Trazer a leitura literária de temática africana e afro-brasileira para a sala de aula é problematizar diferentes aspectos envolvidos e oferecer à todas as pessoas o espaço de reflexão necessária para que a nossa sociedade possa superar o preconceito.

Podemos afirmar que há movimentos de problematização dos estereótipos e preconceitos presentes na literatura infantil, que por força da lei, interesse do mercado editorial e engajamento dos pesquisadores, começamos a sentir a mudança nas produções literárias de temática africana ou afro-brasileira. A literatura infantil e juvenil aparece de uma forma diferente – e esse é o caso de *Meu Crespo é de rainha*, livro de bell hooks que afirma uma literatura infantil para a pluralidade étnico-racial, uma obra que precisa estar nos variados espaços escolares para o fortalecimento da identidade da criança negra.

#### 4. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e toma como objeto de estudo o livro de literatura infantil, *Meu crespo é de rainha* da autora bell hooks. Neste sentido foram selecionados livros e artigos que pudessem embasar a reflexão proposta nesta pesquisa e de acordo com as categorias de análise estabelecidas. Lima e Miotto (2007) afirmam que a pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa que demanda vigilância epistemológica, de observação e de cuidado na escolha e no encaminhamento dos procedimentos

metodológicos. Tais pontos precisam de critérios claros e bem definidos, pois estão imersos ao inacabamento em virtude da busca por soluções ao objeto de estudo proposto.

Elegeram-se as seguintes categorias de análise: “meu crespo é de rainha” (1) e “a educação como prática de liberdade” (2). Ressaltamos que este estudo não é somente uma observação de dados, mas uma análise da conversação possível entre o livro de literatura infantil, *Meu crespo é de rainha* e o espaço escolar como promotor de uma prática libertadora para a constituição identitária da criança negra. Assim foram selecionados materiais necessários que embasassem essa reflexão. Lima e Miotto (2007) abordam que a pesquisa bibliográfica caminha para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, oferecendo elementos que sustentam a análise posterior dos dados. Enquanto a revisão bibliográfica restringe-se à observação de dados existentes nas fontes pesquisadas, inculcando sobre eles a teoria.

### 5.1 MEU CRESPO É DE RAINHA

O livro de literatura infantil intitulado *Meu Crespo é de Rainha* foi escrito pela autora negra e estadunidense bell hooks e com ilustrações da Chris Raschka. Essa obra foi publicada originalmente nos Estados Unidos e no Canadá em 1999. Este trabalho tomou como referência a edição traduzida por Nina Rizzi no Brasil no ano de 2018 que foi encontrada de forma digitalizada no site da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. O arquivo totaliza 33 páginas e está publicado no formato de pdf.

O livro dedica muitas páginas para fazer a descrição dos cabelos de crianças negras com uma riqueza de ilustrações que valorizam sobremaneira esses cabelos. A autora utiliza palavras e expressões comparativas e afetuosas definindo o cabelo do negro como “macio como algodão, pétala de flor ondulada e fofa” (HOOKS, 2008, p. 4) ou “cabelo tão sedoso, tão gostoso de brincar” (HOOKS, 2008, p. 15). Com essas descrições é possível pensar nas crianças negras vivendo suas infâncias com leveza e amor, cujas características físicas são reconhecidas e enaltecidas. Isso não ocorre quando os livros forçam o branqueamento e não valorizam a infância da criança negra, abreviando-a, segundo Silva (2016, p.18):

Acredito que a responsabilidade precoce que as crianças negras têm, sobre um problema que a sociedade não consegue lidar. Em decorrência dessa impotência dos adultos para fazer algo a respeito, a criança negra adquire mesmo sem querer uma maturidade antecipada no sentido de pensar sua existência.



*O meu crespo é de rainha* procura retratar, por meio das ilustrações, uma pluralidade étnico-racial com vários estilos de cabelo de crianças negras. Assim, essa representação do cabelo da criança negra se faz caminho para falar sobre a identidade dela, destacando palavras como: “pode ser moicano pro alto ou jogado pra baixo, amarrado com pompom, cortado bem curtinho, ou livre, leve e solto” (HOOKS, 2008, p. 8-10) ou “cachinhos, crespinhos, birotos, coquinhos” (HOOKS, 2008, p. 23). Essas expressões da autora, destacadas em variados tamanhos de letras, capturam o olhar da criança leitora que se reconhece e se sente emponderada. O livro ganha maior importância, em nossa sociedade, em leituras na escola e fora dela, pois, como aponta Silva (2016, p. 18):

Em uma sociedade racista, o ambiente nunca será bom o bastante para a constituição do espaço potencial da pessoa negra, a hostilidade e a negação de sua identidade insistentemente presentes, geram na pessoa negra uma sensação de inferioridade e insatisfação intensas, o conflito entre o que deseja ser e o que realmente é possível ser tornar-se humilhante, trazendo frustrações precoces.

Na contramão do vivido em nossa sociedade esse livro enaltece a criança negra e busca promover a sua autoestima e seu empoderamento valorizando as características do seu cabelo com ilustrações de cores vivas e alegres que remetem à infância. Faz isso com o texto também em trechos como: “O meu crespo é de rainha! Feliz com o meu cabelo firme e forte” (HOOKS, 2008, p. 27-28). Esse trecho e as belíssimas ilustrações imprimem nas crianças negras uma subjetividade entrelaçada ao desejo de querer e gostar de ser negra, porque ela reconhece suas características e tem orgulho das mesmas. Para Silva e Branco (2011, p. 199): “Assim sendo, a negritude não é somente uma busca de identidade enquanto forma positiva de afirmação de características negras, mas também um argumento político diante de uma relação de dominação”.

A autora trata também da ancestralidade e da cultura da criança negra, numa delicada ilustração representa a mãe da menina, protagonista da história, penteando seus cabelos, acompanhado de frases como: “Sentadinha de manhã, esperando as mãos carinhosas que escovam ou trançam” (HOOKS, 2008, p. 18). A ancestralidade é muito importante para a criança negra, ou seja, as relações dela com seus antepassados e família contribuem como suporte para enfraquecer o preconceito racial, sendo uma interação necessária. Para Silva e Branco (2011, p. 204): “Ou seja, as raízes do preconceito estão sendo co-construídas nas interações entre as crianças, sem sensibilidade para o pertencimento étnico racial de crianças negras envolvidas”.

## 5.2 A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

A escritora negra bell hooks, ao lecionar como docente em universidades percorreu trilhas muito diferentes da maior parte dos professores, pois ela entende que contrariar valores e crenças aprendidos em sala de aula é a mola-propulsora para se traçar uma educação antirracista. De acordo com hooks (2017) ensinar é teatral e propicia espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas. Para inscrever o aspecto teatral no ensino, é preciso relacionar-se com a “plateia”, para a efetivação da reciprocidade, pois o trabalho dos professores deve ser um catalisador que convida os alunos a tornar-se ativos no aprendizado.

bell hooks (2017) comunga do pensamento de que a escola é um lugar de se reinventar por meio das ideias e de que a educação deve ter um potencial libertador, aumentando a capacidade das pessoas serem livres. Segundo hooks (2017) a educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar e, no qual, todos podem aprender com um processo de aprendizado mais palatável para professores que tomam o seu trabalho como um aspecto sagrado e sabem que o seu fazer envolve, essencialmente, o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos seus alunos. Ela se inspirou na práxis de Paulo Freire e afirma que o aprendizado deve ser empolgante e que isso só é alcançável quando há um interesse para ouvir a voz uns dos outros, ao mesmo tempo, o desejo para se comunicar com plateias diversificadas é imprescindível nesse processo. Então,

Com estes ensaios, como minha voz, ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino. Pedindo a todos que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transformou a educação na prática da liberdade, (HOOKS, 2013, p. 23-24).

A educação como prática de liberdade demanda que os professores não exerçam o poder de modo coercitivo, mas que estejam dispostos a partilhar suas narrativas. Numa prática de liberdade a pedagogia engajada procura fortalecer e capacitar os alunos a construir suas narrativas. Quando as salas de aula são investidas num modelo holístico de aprendizado, haverá também o crescimento do professor, que será encorajado e capacitado por esse processo, (HOOKS, 2013).

Para a bell hooks, na sala de aula deve ser criado um espaço de confiança emocional, onde ocorre o planejamento de terrenos que ocupam posições hierárquicas

diferentes na sociedade, e a partir das discussões que atravessam horizontes é estabelecido um espaço de intervenção. Então:

Se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos. Isso não significa que não sejam sujeitos a críticas ou questionamentos críticos ou que não haja muitas ocasiões em que a entrada dos poderosos nos territórios dos impotentes serve para perpetuar as estruturas existentes, (HOOKS, 2013, p. 175).

A prática pedagógica que a bell hooks estabelece no mundo na educação é a de encorajar os educadores a reconhecerem o seu próprio lugar de fala, e terem autenticidade quando estão imersos em sistemas dominantes, desafiando-os. Logo,

Uma das coisas que eu estava dizendo é que, como mulher negra, sempre tive aguda consciência da presença do meu corpo nesses ambientes que, na verdade, nos convidam a investir profundamente numa cisão entre mente e corpo, de tal modo que, em certo sentido, você está quase em conflito com a estrutura existente por ser uma mulher negra, quer professora, quer aluna. Mas, se você quiser permanecer ali, precisa, em certo sentido, lembrar de si mesma, porque lembrar de si mesma é sempre ver a si mesma como um corpo num sistema que não se acostumou com a sua presença ou com a sua dimensão física, (HOOKS, 2013, p. 181).

As premissas teóricas da autora no campo educacional podem ser percebidas na materialidade (prática) de seu livro *Meu Crespo é de rainha* e toda reverberação possível na constituição da identidade da criança negra. A literatura nos ajuda a ler o mundo, a compreendê-lo, a fazer uma leitura compreensiva de nós mesmos e de nosso ser e estar no mundo. Aqui não estamos indicando, de modo algum, uma pedagogização panfletária da literatura destinada ao público infantil, mas evidenciando o papel educativo deste artefato cultural que se faz presente numa obra de qualidade literária, com suporte que a valorize e com a mediação adequada. A literatura é educativa por natureza. Nesse sentido, as considerações que bell hooks traz acerca da educação podem ser pensadas a partir do seu livro infantil *Meu Crespo é de rainha*. Nesse livro as crianças negras têm seu lugar de fala legitimado, ensinando as mesmas a cultivarem um empoderamento étnico-racial desde a infância, pois os personagens da história reconhecem seus cabelos crespos e neles a sua beleza. A autora destaca as diferenças de cabelos crespos e convoca as crianças negras a afirmar a sua identidade étnico-racial e reconhecerem sua ancestralidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças negras precisam ter o contato com livros de literatura infantil como *O meu crespo é de rainha* para que o seu imaginário seja banhado pela compreensão de mundo acerca da diversidade étnico-racial atrelada ao belo, proporcionando o sentimento

de representatividade e empoderamento de ser negro em nossa sociedade. Que esse contato possa desconstruir preconceitos e estereótipos e valorizar suas características. Podemos e precisamos enfatizar o diálogo sobre o cabelo crespo, sobre outras características da pessoa negra, a literatura pode nos ajudar muito nessa tarefa.

Acreditamos numa educação como prática de liberdade e que ela é possível no diálogo com a literatura (infantil), com livros que se contrapõem ao branqueamento dos corpos, livros que ativam sonhos, possibilidades, que brincam com o desejo de ser príncipe, princesa ou super-herói das diferentes crianças. Uma prática que pode ser concretizada, por meio das narrativas, à medida que as crianças negras tenham uma identidade étnico-racial fortalecida na infância vivida no espaço escolar e para além dele.

## REFERÊNCIAS

BERNARDES, T. V. M. *A literatura de temática da cultura africana e afro-brasileira nos acervos do programa nacional biblioteca da escola (PNBE) para educação infantil*. Mestrado em Educação. UFSC, Florianópolis. 168 p., 2018.

DEBUS, E. *A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens*. São Paulo: Cortez, 2018.

DEBUS, E. Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira: (des)velando preconceitos. In: *Perspectiva*. Florianópolis, v. 28, n. 1, 191-210, jan./jun. 2010.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. *Meu crespo é de rainha*. Tradução: Nina Rizzi. São Paulo: Boitatá, 2018. Disponível em: <https://www.unifesp.br>. Acesso em: 30 de maio de 2021

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: *Rev. Katálisis*. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

OLIVEIRA, M. A. J. *A tessitura dos personagens negros na literatura infanto-juvenil Brasileira*. Disponível em: [www.lettras.ufmg.br/literafro](http://www.lettras.ufmg.br/literafro). Acesso em: 26 jun. 2021.

SILVA, J. G. *Identidade étnico-racial na literatura infanto-juvenil: Bruna e a galinha d'angola e menina bonita do laço de fita*. Especialização em educação das relações étnico-raciais. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 48 p. 2015.

SILVA, M. P. D; BRANCO, A. U. Negritude e infância: relações étnico-raciais em situação lúdica estruturada. In: *Psico*. v. 42, n. 2, pp. 197-205, abr/jun. 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/25529821.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2021.

SILVA, C. D. *Racismo e a produção de estereótipos: impactos na subjetividade da criança negra no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 35 p. 2016.